

Márcio Lopes de Freitas, Organização das Cooperativas Brasileiras

A força do cooperativismo

Bruno Blecher
da Redação

“QUANDO SE está fora do bando, corre-se mais risco de virar comida de onça”, brinca Márcio Lopes de Freitas, presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), ao comentar o papel estratégico do cooperativismo nesta crise global. “Em tempos de crise, é bom contar com a força do grupo, seja para as negociações políticas, para se fechar negócios ou fazer compras”, diz Freitas.

Prova disso é que boa parte do plantio da safra 2008/2009, nas Regiões Sul e Sudeste, e até em algumas áreas do Centro-Oeste, foi sustentado pelas cooperativas, já que o crédito oficial não consegue cobrir nem 30% das necessidades e as *tradings*, tradicionais financiadoras, desta vez sumiram do mercado.

Na área das carnes, frango e suínos principalmente, as cooperativas foram as primeiras a sentir os efeitos da crise, que provocou uma forte retração das vendas no mercado externo.

Nesta entrevista à *Agroanalysis*, Márcio de Freitas diz que não dá para ser otimista este ano, mas garante que o cooperativismo está mais moderno, se profissionalizou nos últimos anos e tem gestores capazes de vencer a crise.

AGROANALYSIS É inevitável começar a entrevista falando da crise mundial. O senhor já tem uma avaliação dos efeitos nas cooperativas?

MÁRCIO LOPES DE FREITAS Temos mais que uma idéia. Já podemos sentir isso na pele. A crise que ocorreu no mundo é uma crise de credibilidade. Ela afetou a confiança nas instituições, nas políticas públicas, na capacidade de controle dos governos e de gestão das próprias instituições privadas. A crise gerou uma desconfiança global, que desmanchou o castelo das instituições financeiras. Ela detonou uma crise de crédito, mas tem como pano de fundo a desconfiança no processo global e nas instituições públicas e privadas. Isso tudo começou no segundo semestre do ano passado e foi extremamente desagradável para o agronegócio, que vinha a todo a vapor, em um processo inverso, com um crescimento muito forte.

AGROANALYSIS O ano de 2008 começou com perspectivas muito favoráveis, principalmente para o agronegócio.

FREITAS Abrimos o ano com perspectivas de mercado excelentes, com preços internacionais elevados, os mercados se abrin-

do. E a agricultura se preparou para fazer investimentos, ampliar seus mercados. Fomos para a cabeceira da pista e demos todo o motor.

AGROANALYSIS Mas os preços agrícolas no início de 2008 não estavam inflados de mais, por conta da especulação de grandes fundos nos mercados de *commodities*?

FREITAS Havia especulação em algumas áreas. Mas, no geral indicava uma tendência do aumento do consumo, da inclusão de uma parcela da população que começou a ter mais acesso ao consumo. Apesar de ter algum mascaramento especulativo no processo, os mercados definiam uma tendência, e obviamente, os planejamentos que foram traçados, tanto pelas empresas como pelas cooperativas, não foram baseados na especulação, mas, sim, em fatos reais. Eu acho que pode ter havido até alguns exageros mas, no geral, a tendência era de alta dos preços. O que aconteceu, a partir de outubro principalmente, foi uma reversão total dessa conjuntura, devido principalmente à dificuldade de crédito.

“O cooperativismo de crédito, que não opera com derivativo em Nova York, não se sujeitou à crise global e continua no mesmo ritmo”

AGROANALYSIS Ainda assim, as cooperativas fecharam o ano com um bom faturamento.

FREITAS Deu para ter um bom resultado, porque nós tivemos oito ou dez meses extremamente positivos. Na exportação, as cooperativas chegaram a US\$ 4 bilhões, com crescimento de 21,49% em relação a 2007. O faturamento, de US\$ 83 bilhões, cresceu cerca de 15% no ano passado.

AGROANALYSIS E qual a previsão para este ano?

FREITAS Não dá para ser otimista. Estamos falando não apenas da produção de grãos das cooperativas. Hoje, a grande tendência das nossas cooperativas é chegar o mais próximo possível do consumidor. Boa parte delas está em processo de industrialização, transformando grãos em frangos e suínos.

AGROANALYSIS Quais foram as áreas do agronegócio que sofreram mais com a crise?

FREITAS O primeiro impacto negativo foi no setor de carnes, frangos e suínos, no qual as cooperativas têm uma participação importante. novembro e dezembro foram terríveis no mercado externo. O mercado interno ainda se manteve até o final do ano, os primeiros sinais de retração surgiram em janeiro. No mercado externo, a retração foi muito forte, com queda de praticamente dois terços dos volumes embarcados, sem falar na pressão para reduzir os preços. As carnes foram as primeiras a serem afetadas, o leite sofreu muito, e o setor sucroalcooleiro também. Como as cooperativas não atuam diretamente no processo industrial de açúcar e álcool, mas na organização dos produtores, não temos ainda a dimensão exata da crise no setor, mas posso adiantar que os reflexos são terríveis.

AGROANALYSIS Esta crise de certo modo provocou uma desconfiância no próprio capitalismo. A médio prazo, isso não tende a favorecer o cooperativismo, como sendo um sistema mais solidário, capaz de oferecer mais proteção aos agricultores?

“A tendência dos países é criar proteção a seus produtores, e até para os seus mercados, o que vai dificultar mais ainda o comércio internacional”

FREITAS Quando se está fora do bando, você corre mais risco de virar comida de onça. Em tempos de crise, é bom contar com a força do grupo, seja para negociar politicamente suas soluções, fechar negócios ou fazer compras.

AGROANALYSIS O senhor acha que os produtores independentes tendem a sofrer mais os efeitos das crises que os cooperados?

FREITAS Sem dúvida. O cooperativismo de crédito, por exemplo, que não opera com derivativo em Nova York, não se sujeitou à crise global, e continua com as suas movimentações no mesmo ritmo. É uma pena que ainda somos muito pequenos em relação ao sistema financeiro nacional, mas as cooperativas não tiveram perdas, não diminuíram sua intensidade de crédito, ao contrário, até aumentaram. O nosso nível de inadimplência está caindo. As cooperativas de crédito fecharam 2008 com o menor índice de risco da sua história.

AGROANALYSIS Esta tendência deve manter-se nos próximos meses?

FREITAS É natural que se mantenha. A cooperativa de crédito mantém seus investimentos, o seu capital, dentro da economia local, o que cria um processo de sustentabilidade interna muito forte. Isso mostra a força do cooperativismo neste momento. Na área agrícola, quem está fora das cooperativas fica muito mais desamparado. As cooperativas agrícolas tiveram um papel fundamental na construção da safra 2008/2009. Porque no momento em que você tinha uma escassez de crédito, com o governo suprimindo somente 27% da necessidade e as *tradings*, que eram financiadoras tradicionais do sistema, saindo do mercado, as cooperativas foram a alavanca fundamental para o agricultor plantar esta safra, principalmente no Sul e Sudeste e com alguns bons exemplos no Centro-Oeste.

AGROANALYSIS Por que o cooperativismo não cresce no Nordeste?



FREITAS O Nordeste é um mundo específico dentro do Brasil. Você tem que analisar o processo até do ponto de vista antropológico. Há uma cultura clientelista muito forte, que inibe o cooperativismo moderno, de nova geração. Não há espaço lá para esse modelo. No Nordeste, há uma cultura muito mais da economia solidária do que da economia social, ou seja, você precisa de suporte externo na maioria das vezes e isso é uma questão cultural. E o cooperativismo é a economia social, é o desenvolvimento econômico com justiça social, mas com sustentabilidade própria. Ele cria seus próprios mecanismos. Se há política pública que o apóie e dê condições de ir mais rápido, você usa, mas, se não, você vai também. Mas há mudanças importantes ocorrendo no Nordeste, principalmente na área do Vale do São Francisco e no Ceará.

AGROANALYSIS O ex-ministro Roberto Rodrigues, em entrevista ao jornal Estado

mercados, o que vai dificultar mais ainda o comércio internacional, principalmente para os países em desenvolvimento. O acesso aos mercados vai ficar mais difícil e a competitividade deve aumentar.

AGROANALYSIS O governo vai formar um grupo para discutir um novo modelo para o crédito rural no Brasil. O que precisa mudar?

FREITAS Tenho conversado com o dr. Guedes [vice-presidente de agronegócio do Banco do Brasil] informalmente sobre esse assunto. Eu concordo com ele que a gente tem de fazer uma revisão na política de crédito rural, mudar conceitos, princípios, as condições, evitando as distorções que houve no sistema no decorrer desses anos. Há a necessidade de políticas públicas, já que o mundo tende a criar suas redomas em volta dos seus mercados e dos seus produtores. Nós também apelamos ao nosso governo para que tenhamos uma rede

AGROANALYSIS O cooperativismo anos atrás sofreu uma crise profunda. O setor hoje está mais preparado para enfrentar a crise?

FREITAS Sem dúvida. O cooperativismo brasileiro se profissionalizou, tem um sistema de gestão mais moderno e iniciou um processo de mudança no seu sistema de governança, o que dá mais transparência e legitimidade aos processos de decisão. Nosso principal patrimônio é a nossa gente. Temos preparado melhor os nossos gestores e com isso conseguimos mitigar um pouco aqueles efeitos que foram muito nocivos no passado. Problemas ainda existem, nós não podemos negar que existam. São muitas cooperativas, somente na área agrícola nós temos hoje, no sistema OCB, 1.611 cooperativas. Mas, no geral, as cooperativas estão muito mais preparadas hoje, com processos mais modernos de gestão. Aliás, essa é uma exigência dos cooperados, que são agricultores empresariais, de uma nova geração. Algumas novidades estão surgindo no cooperativismo, como o consórcio entre as cooperativas. Elas se organizam entre si, criam entidades para agirem em bloco numa compra de insumos, na comercialização de seus produtos. Temos alguns exemplos de consórcios que importam insumos e fazem todo o processo de logística.

AGROANALYSIS Qual é a saída para a agricultura de Mato Grosso?

FREITAS Mato Grosso tem dado demonstração de competência nos últimos anos. Está vivendo, sem dúvida, um problema muito sério de logística, mas não vai perder sua vocação agrícola de jeito nenhum. Eu acho que Mato Grosso vai criar suas próprias soluções, provavelmente se transformando em um estado que aproveita sua matéria-prima para a produção de aves e suínos, o que, aliás já está acontecendo. Outra estratégia é criar uma via para escoar sua produção pelo Oceano Pacífico. Hoje, eles têm uma perda de competitividade tremenda por causa do problema de logística. ■

“Não podemos esquecer de que nós somos um mercado de 180 milhões de consumidores”



Mike Ronchi/Fotosintese

de S.Paulo, disse que a Rodada Doha vai para o beleléu. A tendência é o protecionismo crescer em tempos de crise? Que impacto isso pode causar ao cooperativismo?

FREITAS Concordo plenamente com a avaliação do ex-ministro. Isso mostra a capacidade de análise do Roberto e a grande experiência que ele acumulou nas suas passagens por grandes entidades do agronegócio, pela universidade e pelos governos. A tendência dos países é criar proteção a seus produtores, e até para os seus

mínima de proteção ao nosso produtor. Não podemos esquecer de que nós somos um mercado de 180 milhões de consumidores. Nós também temos de criar um processo de produção até para garantir o abastecimento interno, e aí é necessário uma política pública que inclua a revisão dos preços mínimos e garanta liquidez aos produtores na comercialização, para que não tenhamos que parar a nossa roda produtiva. É o que as cooperativas estão reivindicando ao governo.